A ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA EM SUAS DIVERGÊNCIAS E DESENCONTROS NA DÉCADA 1930

Francisco Iarlyson Santana de Andrade[1]

RESUMO

A Aliança Nacional Libertadora (ANL) foi uma organização política que pretendeu unir partidos de esquerda e movimentos sociais durante a década de 1930 em torno do desejo por uma "revolução nacional" capaz de derrubar o governo de Getúlio Vargas. A ANL teve como presidente de honra Luís Carlos Prestes, antigo tenentista que tornou-se comunista devido à sua desilusão com a revolução de 1930. Mas antes da formação da Aliança, existiam grupos esquerdistas com suas próprias ideologias, manifestos e estatutos. Partimos do pressuposto de que, devido a esta diversidade de práticas, a união de movimentos e grupos políticos em torno de um ideal comum não ocorreu apenas em torno da figura simbólica de Prestes. Pretendemos apresentar as divergências ideológicas apresentadas pela historiografia e pela literatura e que deve ser vista e analisada através dos desencontros entre o planejamento e a prática da Aliança, como exemplo a intentona que acabou acontecendo de maneira inesperada pela direção da ANL. Acreditamos que o processo de formação e o desmembramento da ANL pode ser problematizado por meio de uma historiografia específica. Busca-se, assim, a partir das obras e artigos – como os de Marly Vianna ("Revolucionários de 35: sonho e realidade" **e "A Insurreição da ANL em 1935"),** de Anita Leocádia Prestes ("**Luiz Carlos Prestes: um Comunista Brasileiro", "**Luiz Carlos Prestes e a Aliança Nacional libertadora: os caminhos da luta antifascista no Brasil (1934/35)" e em artigo sobre os 70 anos da Aliança Nacional Libertadora), e análise da literatura como "O Cavaleiro da Esperança" de Jorge Amado, "Memórias do Cárcere" de Graciliano Ramos e em folheto de cordel de "**Luiz Carlos Prestes, O Cavaleiro da Esperança"** composto pelo poeta Antônio Queiroz de França –, compreender as convergências e distensões presentes na Aliança durante sua existência.

PRINCÍPIOS

No século XX tivemos várias perspectivas de supostas rupturas nas estruturas sociais do mundo. O Brasil também passava por esses momentos de modificação, mas que na verdade não passavam muitas vezes de míseras conciliações de classes transvertidas por uma rotulação revolucionária. Provavelmente esse grande número de conciliações não foram suficientes para uma tentativa de barrar uma revolta popular, que para as classes dominantes poderia ser considerado uma verdadeira catástrofe de desordem social, que acabaria com as ordens antes já estabelecidas, desestruturando e formando novas estruturas de organização social.

Na década de 1930 surgiu no Brasil uma entidade com o objetivo claro de tentar modificar as estruturas do poder central em que o país era constituído. Essa entidade se chamava Aliança Nacional Libertadora – ANL. A data específica e o local, provavelmente "[...] em 30 de março de 1935, tinha lugar no teatro João Caetano no Rio de Janeiro, o lançamento público da Aliança Nacional Libertadora (ANL)." (PRESTES, 2005, p.101). De certa forma, podemos justificar um pouco mais essa data através da

[1] Discente do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Campina Grande, Campus CFP-Cajazeiras, participante de projeto de extensão sobre História, Arquivo e Memória. Orientado pelo prof. Dr. Rodrigo Ceballos, docente lotado na Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do curso de História da Universidade Federal de Campina Grande, Campus CFP-Cajazeiras.

produção da historiografia de Vianna (2003, p.32), em que a ANL teve “Seu lançamento, em março de 1935 [...]”. Essa data também ficou imortalizada na Literatura no clássico “O Cavaleiro da Esperança”, de Jorge Amado (2011, p. 241), em que diz: “Fundada, amiga, em março de 1935, o seu manifesto assinado por um grupo de "tenentes" e de homens de esquerda [...]”.

Mas ao todo, o que se sabe é que bem antes a ANL já estava sendo planejada e organizada. Segundo Vianna (2003, p.32) “A história da ANL começou no segundo semestre de 1934.”.

No começo ainda não era claro o que a instituição pretendia em sua atuação política, no mais só se sabia que era uma frente. O que se via muito era uma perspectiva de união para a construção de uma frente contra o fascismo que crescia associado ao Integralismo Brasileiro.

> Todas as correntes que lutavam pela democracia e contra o fascismo (ao qual se associava o integralismo) vincularam-se a ampla frente que se formava – a Aliança Nacional Libertadora – cujo núcleo organizacional era composto pelos tenentes que se sentiram traídos pela revolução de 1930. Esse grupo, que vinha dos movimentos tenentistas de 1922, 1924 e que participara ativamente de 1930, tinha grande admiração e respeito por Luiz Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança, embora não tivesse ligação com o partido comunista, o PCB. (VIANNA, 2015, p.10-11).

Contudo vemos que seus membros estariam “[...] mobilizados em torno de quatro objetivos principais: luta contra o avanço do integralismo no Brasil e do fascismo no cenário mundial, e luta contra a dominação imperialista e o latifúndio em nosso país.” (PRESTES, 2005, p.101) Aqui percebemos a inclusão de outras pautas não vistas anteriormente, sendo também perceptível um foco maior na formação de uma frente antifascista com forças democráticas. O que se pode pensar neste momento é que a historiografia feita por Anita Leocádia Prestes tende a construir um resumo global e final das pautas da ANL, afinal de contas percebe-se nela a intrusão de pautas que englobam outros assuntos e debates. O que se nota na historiografia geral sobre a ANL é um conjunto de outras ações que foram desempenhadas ao longo da história da citada Aliança, muitas vezes algumas informações podem te sido ocultadas pela historiografia outras podem te sido descartadas pela falta de conveniência na produção.

No mais, não acho que a Marly de Almeida Vianna descreve tão bem o que se deu com o passar da existência da Aliança, a mais coerente neste caso é a Anita Leocádia Prestes[2] que claramente será abordada no decorrer desta produção. Mas mesmo assim não vou me focar, e nem tenho como grande objetivo o questionamento sobre qual é a temporalidade das pautas, ou quais estariam mais certas. Satisfaço-me em mostrar como elas foram se acrescentando dentro da ANL através de inúmeros conflitos de interesse dos grupos que nela se integravam. Se vários grupos de diferentes origens e características dela faziam parte, não é de se estranhar que houve desentendimentos e choque de interesses. Principalmente os interesses, que não podem ser esquecidos, quando se fala de política.

Nota-se que a Aliança Nacional Libertadora buscava inicialmente reunir vários grupos ideológicos que lutavam pelos conceitos democráticos e antifascistas, levados agora a se unificar dentro dessa frente Nacional. A ideia central consistia em lutar pela tentativa de confrontar e derrubar o avanço do fascismo no Brasil e ao mesmo tempo buscar pela democracia, sem se importar muito com os objetivos primários que cada determinado grupo que formava a Aliança tinha em seus próprios interesses. O que não

[2] Autora filha de Luiz Carlos Prestes (um dos personagens da pesquisa).

pode ser deixado de lado, não haveria uma hegemonia ou poder direcional dentro da ANL autônoma e sem influencia dos grupos que nela faziam parte ou que conseguiam mais destaques. No entanto era possível ver uma assimilação real entre os objetivos de algum dos grupos com a Aliança. Esses grupos se reuniam nos mais diversos modos de agregação de pessoas, sendo geralmente os principais meios os partidos, movimentos e sindicatos.

Dentro desses grupos haviam dois que se destacaram, um era os Tenentistas, experientes combatentes que tinha nos últimos anos desempenhado uma forte movimentação política no país. O outro PCB – Partido Comunista Brasileiro, que tinha experiência na politica e na luta sindical. É bom afirma também, que havia uma ligação entre os dois grupos, principalmente pela figura de Luiz Carlos Prestes.

GRUPOS

Para compreender melhor a formação, o papel e a atuação da Aliança Nacional Libertadora deve-se conhecer a cronologia e a mentalidade dos dois grupos anteriormente apresentados, no qual desempenharam grande papel na direção e atuação desta referida Aliança. Vale salientar que muitas vezes a própria formação e atuação da ANL foi repleta de divergências e desencontros. Portanto, não nos espantemos pelas suas diferenças ideológicas, estratégicas e intenções dos dois grupos em questão.

Os dois grupos que cito, como já sabido, são primeiramente, o movimento politico-militar dos tenentistas, militares que estiveram presentes na coluna Prestes que tinham como líder Luiz Carlos Prestes. Prestes que se fez presente nos dois grupos, só que em tempos diferentes. Na época da formação da ANL, ele esteve junto aos Comunistas do PCB, mas apesar de tudo continuava a ser muito mais respeitado e admirado pelos tenentistas. E por fim, o Partido Comunista Brasileiro, que nos primórdios não aderiu diretamente ao ANL, apesar de já te alguns membros dentro da ANL, conseguindo assim uma atuação de forma indireta muito influente. A unificação destes dois grupos é cheia de encontros e desencontros, como pode se observar por suas divergências em diversos campos teóricos, e que acarretaram muitas vezes em falhas no planejamento e em medidas mal avaliadas.

OS TENENTISTAS DA COLUNA PRESTES E O SEU PAPEL DENTRO DA ANL

Iniciado pelos tenentistas, vindos de um movimento politico-militar, mostraria ter uma participação maior do que o Partido Comunista Brasileiro frente à Aliança Nacional Libertadora. É notável o protagonismo dos tenentistas pelo fato de terem vencido todos os outros grupos, e não somente o PCB que na época nem mesmo tinha entrado. Os tenentistas conseguem indicar e apontar a nomeação de Luiz Carlos Prestes como presidente de honra da ANL. Não era um cargo de mérito, mas não de poder, "Presidente de honra da ANL, Prestes liderava um movimento cujo controle não lhe pertencia." (PRESTES, 2005, p.115).

Vale salientar que não é nosso objetivo descrever todos os grupos que participaram dentro da ANL, mas simplesmente apontar os dois principais grupos.

O poeta França (2006, p. 30) em seu cordel "Luiz Carlos Prestes O Cavaleiro da Esperança", diz "*E ao líder Carlos Prestes / A A.N.L. oferece / A presidência de honra / O que muito lhe enobrece / O programa da 'Aliança' / Dava ao Povo Segurança.*". O poeta Antonio Queiroz de França aponta em seu cordel uma suposta releitura do clássico "O Cavaleiro da Esperança", de Jorge Amado o titulo do cordel inclusive é bem

parecido com o do livro, tendo o nome de "Luiz Carlos Prestes O Cavaleiro da Esperança". O que pretendo dizer que a citação de cima parte de uma possível releitura ou simplesmente uma intepretação pessoal de uma representação do que foi passado, concordo que em tal produção deva ter características de ficção, mas que não deixar de ser um espelho da realidade. E de fato, Luiz Carlos Prestes se torna o presidente de honra.

Esta nomeação não era por qualquer coisa, e nem muito menos era inocente. Luiz Carlos Prestes, como já citado, era admirado pelos tenentistas e essa admiração era principalmente pelo motivo do próprio Prestes já ter sido camarada dos tenentistas, ou melhor, comandante da coluna que foi batiza em seu nome, a famosa coluna Prestes. O poeta Antonio Queiroz de França descrever a "*Coluna Prestes' o nome / Do movimento emergente / Um verdadeiro protesto / Contra a miséria existente / Tomar terras de Grileiros / Dar aos donos verdadeiros / Foi necessidade urgente.*" (FRANÇA, 2006, p.10).

Claramente se deve ter um motivo para o surgimento de toda essa insatisfação, mas claro que não era os mesmo que levaram o PCB. "A República no Brasil das primeiras décadas do séc. XX consistia em uma farsa." (SOUZA, 2010, p.83). Não lutavam pelo fim do capitalismo ou por sua chegada, lutavam inicialmente pelo respeito à "república". Mas ainda:

> Tal constatação era apontada com tamanha indignação, pelos contemporâneos do período que possuíam certa capacidade de interpretação da realidade, dado o grau de atuação corrupta das oligarquias e as fraudes eleitorais do período. (SOUZA, 2010, p.83).

Vemos que "[...] o problema se apresentava bem mais amplo e complexo, do que a "simples" característica política de coalizão oligárquica entre São Paulo e Minas Gerais, graciosamente denominada de política café-com-leite." (SOUZA, 2010, p.83). Tem-se assim uma conjunta plausível para uma luta contra esses grupos políticos, que dominam e monopolizam o poder em suas mãos. O autor SOUZA (2010, p.88) ainda mostra que:

> A Coluna Prestes se constituiu como uma parte importante, com certeza a maior expressão, do descontentamento e aversão em relação ao organismo político vigente da Republica Velha. Neste sentido, sua formação se liga ao movimento tenentista e suas séries de levantes organizados após 1922 [...].

Com o fim da coluna e o exílio, Luiz Carlos Prestes não se contentou com os rumos que os tenentes viriam a seguir. "Enquanto Prestes repudiava com firmeza qualquer adesão à Aliança Liberal – apoiada neste momento por Siqueira Campos -, maioria dos 'tenentes' era atraída pela candidatura Vargas e aderindo à campanha." (PRESTES, 2015, p.115). A Aliança Liberal era basicamente uma tentativa vista por Luiz Carlos Prestes como mesmo do mesmo. Mas ao ver dos seus tenentes, seguindo e apoiando a Aliança Liberal, que pretende lançar Getúlio Vagas a presidente, Luiz Carlos Prestes prefere ficar isolado a trair desnecessariamente suas convicções ideológicas, apesar de ainda conversar com Getúlio a pedido dos seus companheiros de coluna.

> Os 'tenentes' – devido à condição de elementos pertencentes aos setores intermediários da sociedade – não poderiam aceitar o caminho proposto por Prestes, ou seja, um programa de inspiração comunista, voltado para a solução dos problemas sociais de forma revolucionária. (PRESTES, 2015, p.115).

Mas não se pode pensar que com isso Luiz Carlos Prestes tenha perdido necessariamente o apoio, ou pelo menos a admiração dos tenentistas. Mesmo ao se separar e seguir um caminho diferente de seus companheiros, ele continuava a ser admirado e lembrado. Essa admiração é vista muito na historiografia de sua filha Anita Leocádia Prestes.

> Em novembro de 1932, durante o chamado grande congresso revolucionário no Rio de Janeiro – reunindo antigos 'tenentes' e elementos civis preocupados com a 'regeneração da Revolução de 30' e a redefinição dos rumos da revolução brasileira -, ficou evidente a manifestação de apreço por Luiz Carlos Prestes. (PRESTES, 2015, p.163).

Aparentemente, analisando a citação, podemos perceber que a revolução de 30, em que os tenentistas resolveram trilhar, abandonando Luiz Carlos Prestes e sua convicção realmente revolucionária e marxista, começa a mostrar sua real face. Não seguindo ou não conseguindo chegar onde os tenentistas esperavam ir, tentaram basicamente concertar o erro em uma única alternativa para tentar contornar e desviar da trilha da insatisfação gerada por Vargas em sua suposta revolução. Com isso, começamos a notar o crescimento cada vez maior da insatisfação por parte dos tenentistas e da classe trabalhadora que sofre com o governo Vargas: "Para os 'tenentes de esquerda', o imperialismo era o responsável pelo 'latifúndio feudal', que mantinha o país essencialmente agrícola, impendido o florescimento da democracia [...]" (VIANNA, 2003, p.35). Eles apontavam também que "O imperialismo era culpado também pela fraqueza das Forças Armadas, era o grande inimigo do país, estando o governo de Getúlio Vagas a seu serviço." (VIANNA, 2003, p.35). E é com essa insatisfação que começa a se desenhar o surgimento da ANL. Talvez o insucesso também tenha servido para aumentar o prestígio de Luiz Carlos Prestes, que prevê parcialmente a necessidade de ser contra a Aliança Liberal e não apoiar a Revolução de 30 que tinha como líder Getúlio Vargas.

Com todo esse processo podemos perceber que "Apesar de vários grupos terem participado da formação da frente, foram os tenentes dissidentes da Revolução de 1930 os que tiveram maior destaque na organização da ANL [...]" (VIANNA, 2003, p.33). Vale salientar que apesar de Prestes ter aderido ao marxismo, ele ainda é um tenente de raiz que se afasta do movimento somente por ser contra a Aliança Liberal e não acreditar na revolução de 1930.

Luiz Carlos Prestes ao voltar para o Brasil para "liderar" a ANL, não volta o mesmo de antes. Além de mais maduro pela idade, a sua mentalidade já não é a mesma, mostrando que tem uma compreensão maior sobre os problemas brasileiros.

> O estado dos clássicos do marxismo, aliado a uma radical e profunda revisão de suas concepções ideológicas anteriores, permitiu a Prestes fazer uma opção definitiva: o Cavaleiro da Esperança adora a teoria marxista como filosofia e guia para ação, ao mesmo tempo em que aderia o movimento comunista. (PRESTES, 2008, p.39)

O que vemos neste caso é que Luiz Carlos Prestes se distancia mais das ideologias que impulsionaram os movimentos tenentistas, acabando assim por se aproximar mais das ideologias vermelhas marxistas do Partido Comunista Brasileiro. Ele não luta mais simplesmente contra as oligarquias rurais que não permitem e não respeitam a democracia. Claro que a democracia ainda é uma pauta, mas ele se foca na luta pelo fim do semifeudalismo que atrasa o país em seu desenvolvimento, seguindo as orientações comunistas da época. Uma hipótese é que ele pode ser considerado um ex-tenentista comunista ou apenas um Tenentista Comunista.

PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO E O SEU PAPEL DENTRO DA ANL

O outro grupo, chamado Partido Comunista Brasileiro – PCB, tem pautas que buscam o fim do latifúndio no Brasil e se aproxima bem da perspectiva ideológica que a ANL abraça e defende. Vale salientar que para as teses do PCB, o Brasil estava preso em um "modo de produção feudal". Portanto, era necessário lutar pelo avanço para o modo de produção capitalista. A culpa desse atraso estava nos imperialistas que não permitiam que a burguesia nacional se sobressaísse e industrializasse o país, para assim avançar rumo ao progresso socialista.

> O diagnóstico do PCB para a economia brasileira dos anos 1920 e 1930 era a de que o Brasil era uma ex-colônia ainda submetida aos interesses imperialistas através de sua estrutura agrário-exportadora, tratando-se ainda de uma economia feudal ou semi-feudal. Tal diagnóstico foi baseado nas conclusões da III Internacional Comunista acerca das colônias e ex-colônias e também na tentativa de transposição das idéias de Marx presentes na Introdução à Crítica da Economia Política. (ERBERELI JÚNIOR, 2012, p. 139-140).

Caio Prado Junior iria desvalorizar e derrubar tais teses e táticas, assim como o PCB, mas apenas bem depois do fim da iniciativa do PCB dentro da ANL.

> Na prática da militância comunista no campo isso deveria significar a prioridade na sindicalização dos assalariados rurais, na efetivação do salário mínimo para o trabalhador do campo, bem como a extensão das leis trabalhistas ao meio rural. E, para Caio Prado isso não era realizado pelo PCB, que ao contrário "desorientava" a prática com a fórmula da "revolução democrático-burguesa" contra os "restos feudais" e contra o "imperialismo". (LIMA 2008 p. 77).

A preocupação do PCB residia no combate contra os restos feudais e contra o imperialismo. Podemos perceber uma assimilação do que o PCB tinha como proposta de ideal para seus objetivos junto com o que a ANL tinha como pauta. Isso talvez não tenha sido uma coincidência. Provavelmente o PCB teve um papel fundamental na formação da ANL, não importa muito se foi de forma direta ou indireta, mas é visível a assimilação no discurso das duas instituições.

> Embora não se saiba exatamente de quem foi a iniciativa de fundação da ANL, as informações de que se dispõe e, principalmente, os textos dos pronunciamentos feitos por esta entidade não deixam lugar a dúvidas: a influência das teses defendidas pelo PCB (Partido Comunista do Brasil) é inquestionável. (PRESTES, 2005, p.106)

"A ANL esteve significativamente marcada, tanto na sua constituição como em sua trajetória política, pela presença do PCB." (HERNANDEZ, 1985, p.25) Certamente a ANL não foi criada inocentemente e nem por acaso, ela seguia uma demanda. Muitos afirmam que o Partido Comunista não atuou diretamente dentro da instituição, mas é notória a participação e a influência deste partido na formação dessa Aliança. Principalmente vendo a historiografia de Anita Leocádia Prestes e de Leila Maria Gonçalves Leite Hernandez, claro que a sua produção não é uma comprovação real de todos os fatos, mas sabendo que há uma combinação entre duas concepções diferentes de escrita histórica e de relação com o movimento, podemos deduzir que se tem uma comprovação mais fundamentada sobre essa comprovação.

No mais, de acordo com Hernandez (1985, p. 45-46), o Comintern (Internacional Comunista) viu a necessidade de se criar alianças para tentar combater o sistema capitalista, que vinha em uma crise que estava abalando o mundo e, ao mesmo tempo, para combater o fascismo, que tinha atingido o auge na Alemanha, tomada pelo Nazismo de Hitler. Porém, dentro dessas frentes a principal seria a luta antifascista.

"Ao que tudo indica, o PCB reconhecia a necessidade de se unir a outros setores de esquerda para participar de forma mais ativa da vida política brasileira, utilizando-se dos canais institucionalizados de acesso ao poder." (HERNANDEZ, 1985, p.31). Basicamente o PCB começava a pensar e buscar meios que conseguissem acumular forças para lutar contra inimigos em comum, que para o momento seriam um mal maior a ser combatido.

"Foi preciso que o partido se situasse frente a uma sociedade sacudida por reivindicações operárias comandadas, na maior parte das vezes, por anarco-sindicalistas e contestada pelo movimento tenentista." (HERNANDEZ, 1985, p. 27-28). Quando o PCB começou a pensar nos meios que deveriam ser utilizados para sua ascensão dentro do Brasil, não somente se basearam em experiências comunistas estrangeiras, mas também nas experiências de revoltas nacionais que continham em grande parte suas próprias particularidades e rivalidades.

O PCB começou a adotar uma politica de tentativa de aproximação das massas, e ao mesmo tempo de somar forças, trazendo outros grupos para perto de si e, com isso, conseguir seguir na busca de seus objetivos políticos.

> A tentativa de aproximação ocorreu a partir do momento em que o PCB, que até havia combatido os movimentos de 1922 e 1924 por considerá-los reacionários, passou a sustentar que os dois "5 de Julho" deveriam ser entendidos como fruto de embates entre facções agrárias e industriais nos quais os tenentes eram o "instrumento pequeno-burguês da burguesia industrial", difundindo, assim, a ideia de que a uma terceira revolta seria capaz de trazer a vitória do industrialismo abrindo caminho para a revolução social proletariada (HERNANDEZ, 1985, p. 34).

Ter os tenentistas dentro do PCB seria conseguir avançar de forma grandiosa para uma revolução burguesa que conseguiria, no final das contas, agitar a luta de classes até o seu progresso final, rumo ao socialismo.

> Afinal para os dirigentes do PCB a aproximação com os tenentes significava apenas um passo para cooptar a pequena burguesia como aliada temporária até que se desencadeasse o processo revolucionário agrário e antiimperialista. (HERNANDEZ, 1985, p. 39).

Até mesmo na literatura, no clássico "Memórias do Cárcere" de Graciliano Ramos (2008, p. 62) era possível ver essa desconfiança:

> De repente voltava; a Aliança Nacional Libertadora surgia, tinha uma vida efêmera em comícios, vacilava e apagava-se. Estaria essa política direita? Assaltavam-me dúvidas. Muito pequeno-burguês se inflamara, julgando a vitória assegurada, depois recuara. (...) Seria possível uma associação, embora contingente e passageira, entre as duas classes? Isso me parecia jogo perigoso.

O surgimento da oportunidade da união da esquerda e de outros setores progressistas era oportuno e ao mesmo tempo perigoso, principalmente por se aliar com antigos inimigos. "Com a adesão à ANL de Prestes, que ela elegera seu presidente de

honra, o PCB passou não só a apoiar a Aliança como aderiu a ela – isso a partir do final de maio início de junho de 1935." (VIANNA, 2015, p.14). Aparentemente o PCB tinha toda uma relação com o processo de formação e ao mesmo tempo estava ligado com várias pessoas, que tinham influência dentro da ANL, como os tenentistas. Não foi por qualquer coisa que dentro da ANL houve a "[...] participação política de militantes comunistas, em sua maioria militantes provenientes do tenentismo, nos seus postos de comando." (HERNANDEZ, 1985, p. 47).

Mas não havia somente pontos em comum, também havia algumas diferenças ou características próprias da ANL que mostravam um pouco de sua diferenciação e originalidade frente ao PCB.

> Havia, contudo, nos primeiros documentos dessa entidade uma diferença significativa em relação às posições do PCB, pois a ANL, na fase inicial de sua existência, não levantava a questão do poder, ou seja, de qual seria o governo que deveria implementar suas propostas[...] (PRESTES, 2005, p.106)

Entretanto com o passar do tempo e o amadurecimento das ideias, a ANL foi mostrando que tinha um projeto de governo para ser implantado no Brasil. "[...] um Governo Popular Nacional Revolucionário (GPNR) [...]" (VIANNA, 2003, p.35), que se baseava principalmente em pautas anti-imperialistas e na luta pela reforma agrária, vindas de ideias adquiridas na Internacional Comunista por Luiz Carlos Prestes, mas que não era ainda uma perspectiva de governo socialista. O que se pretendia com esse governo era basicamente ter o poder através das armas (PRESTES, 2005, p.108-109).

> Surgia, pela primeira vez, nos documentos da ANL, a proposta da luta armada como meio de chegar ao GPNR. A concepção insurrecional do processo revolucionário, adotada tanto pelo PCB quanto pela IC, era assim encampada pela ANL, o que, certamente, não significava que todos os seus dirigentes estivessem com ela de acordo. H. Cascardo, presidente da ANL, comandante da Marinha e "tenente histórico", se manteria fiel às concepções legalistas, externadas por ele desde o momento da criação da ANL, desmentindo, assim, a tese de que a radicalização das posições da ANL e do próprio PCB seria decorrência direta das influências tenentistas, supostamente trazidas por Prestes e os antigos "tenentes" para o movimento. (PRESTES, 2005, p.108-110)

Então, neste caso, não seriam os tenentistas os únicos responsáveis pela busca de meios ilegais para se acender ao poder do país, os comunistas do PCB tiveram papel fundamental nisso. "A insurreição estava sendo preparada para dezembro ou janeiro, mas acabou correndo nos últimos dias de novembro, devido à precipitação dos acontecimentos no Nordeste do país." (PRESTES, 2005, p.116). A famosa intentona comunista que levara a ANL ao seu fracasso e derrota, não é o foco discorrer sobre a intentona comunista, mas é valido salientar que houve um despreparo nesta ocasião, faltou à unidade ou uma leitura e planejamento mais real.

Claro que a maioria dos comunistas que já se encontravam lá, e que foram responsáveis a guinada a ilegalidade eram tenentistas, mas como já dito, era possível imaginar que não eram simplesmente tenentistas, mas sim possíveis tenentistas recentemente doutrinados ao marxismo ou a influenciados pelo marxismo do PCB.

No momento em que o PCB integra esses tenentes em suas fileiras, talvez os levasse a crer que ao entrar na ANL o PCB já tinha integrantes lá, mas não simples integrantes individualizados porque isso seria normal, o que se tinha era um bloco/grupo. Os tenentes em grupo poderiam ser considerados massa de manobra do

PCB, foi com isso que talvez se teve a escolha Luiz Carlos Prestes como presidente de honra e também as pautas se parecerem tanto com as pautas do PCB.

> A direção do PCB considerava que muitos dos elementos que compunham a direção da ANL não passavam de "pequeno-burgueses sujeitos a vacilações" que, incapazes de compreender "o processo de desenvolvimento revolucionário do proletariado [...] vacilam e começam a querer conduzir a ANL pelo caminho do nacional-reformismo. (A Classe Operaria, 1935 apud VIANNA, 2015, p. 18).

Se analisarmos toda essa discussão pode se dizer que o PCB agiu como oportunista, soube jogar com pragmatismo e conseguiu chegar aos seus objetivos. Colocando os tenentistas no seu partido, mas os classificando quase sempre como pequenos burgueses de utilização descartável. Os outros tenentistas que não aderiram ao PCB, também provavelmente foram influenciados pelo "oba-oba" dos que tinham aderido.

CONCLUSÃO

Com uma rede de relações entre o Partido Comunista Brasileiro e os Tenentistas seguidores de Luiz Carlos Prestes, vemos que cada um desses dois grupos teve sua trajetória política na Aliança Nacional Libertadora relacionada.

Provavelmente essas relações aconteceram por meios das necessidades vistas em se unir para combater um inimigo em comum, neste caso as divergências entre os grupos ficaram em segundo plano, apesar de ao longo da trajetória dos dois serem apresentadas como um desencontro de suas respectivas linhas de encaminhamento para o futuro do Brasil.

O que prevaleceu com tudo isso foi uma linha pragmática feita principalmente pelo Partido Comunista Brasileiro. Sendo assim mais didático, vemos que um determinado grupo (no caso o referido PCB) conseguiu se sobressair em cima do outro, impondo sua influência dentro dessa agregação (Tenentistas), fazendo que a ALN atendesse suas necessidades políticas.

Em todo esse processo vemos que a Aliança começava cada vez mais a ganhar traços e pautas similares àquilo que o PCB e a Comintern (Internacional Comunista) pretendiam impor em sua tática partidária e militante. Em suma, vemos que a ANL e os Tenentistas tinham se tornando respectivamente uma ferramenta e uma chapa-branca para o PCB.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge, 1912-2001. **O Cavaleiro da Esperança**: vida de Luís Carlos Prestes / Jorge Amado; posfácio de Anita Leocadia Prestes. — São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ERBERELI JÚNIOR, Otávio. O debate em torno da questão agrária (1950-1960): o PCB e Caio Prado Júnior. **Em Tempo de Histórias,** Brasília, v. 21, p. 137-161, 2012.

FRANÇA, Antonio Queiroz de. **Luiz Carlos Prestes O Cavaleiro da Esperança.** Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2006. 32 p. Cordel.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A Aliança Nacional Libertadora: Ideologia e Ação.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. 80p.

LIMA, Airton Souza de. Caio Prado Jr. e a polêmica “Feudalismo-Capitalismo”: pela desconstrução de consensos. **Revista Aurora,** Marília, Sp, p.70-79, 2008.

PRESTES, Anita Leocádia. 70 anos da Aliança Nacional Libertadora (ANL). **Estudos Ibero-americanos,** Porto Alegre, p.101-120, 2005. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/memoria/1935/a_pdf/anita_leocadia_70_anos_anl.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2016.

PRESTES, A. L.**. Luiz Carlos Prestes e a Aliança Nacional Libertadora: os caminhos da luta antifascista no Brasil (1934/35)**. 03. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008. v. 1. 160p.

PRESTES, A. L.. **Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro.** 1a. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015. v. 01. 559p.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere.** Rio de Janeiro: Record, 2008.

SOUZA, Rafael Policeno de. A Coluna Prestes: Uma abordagem necessária. **Revista Historiador,** Porto Alegre, p.82-91, 2010. Disponível em: <http://www.historialivre.com/revistahistoriador/tres/rafaelp.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2016.

VIANNA, Marly. A ANL (Aliança Nacional Libertadora). In: LAGOA, Maria Izabel Cortez (Org.). **Corações Vermelhos: Os Comunistas Brasileiros no Século XX.** São Paulo: Cortez, 2003. p.31-60.

VIANNA, Marly de Almeida**. Revolucionários de 1935 - sonho e realidade.** 3ª. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011. 480p.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. **A INSURREIÇÃO DA ANL EM 1935 - Relatório Bellens Porto.** Rio de Janeiro: Revan, 2015. 324p.